

---

---

## ÍNDICES DE CUSTO DE VIDA: UM ESTUDO SOBRE A REALIDADE PORTUGUESA

---

---

---

---

## COST OF LIVING INDEXES: THE PORTUGUESE CASE THROUGH A MAGNIFYING GLASS

---

---

Autores: Teresa Bago d' Uva

- Técnica Superior de Estatística no Gabinete de Estudos e Conjuntura do Instituto Nacional de Estatística – Núcleo de Apoio e Desenvolvimento

Paulo Parente

- Técnico Superior de Estatística no Gabinete de Estudos e Conjuntura do Instituto Nacional de Estatística – Núcleo de Apoio e Desenvolvimento

### RESUMO:

- O objectivo deste estudo é avaliar as diferenças de custo de vida em Portugal. Existem diversas metodologias que permitem a comparação de custos de vida entre países diferentes. Neste artigo, fazemos um exercício de aplicação de algumas dessas metodologias à comparação de custos de vida entre as regiões portuguesas. Consideramos as regiões NUTSII (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira) nos anos 1994 a 1997.

Independentemente do método usado, Lisboa e Vale do Tejo é a região em que o custo de vida é mais elevado, ao longo do período considerado, seguida da R.A. da Madeira. No entanto, as diferenças observadas dentro de Portugal não são muito significativas.

### PALAVRAS-CHAVE:

- *Comparações regionais, Índices de custo de vida, paridades de poder de compra.*

### ABSTRACT:

- The aim of this study is to discover whether or not the cost of living differs significantly within Portugal. There are several methodologies that allow the comparison of costs of living among different countries. In this article, some of the most common methodologies are applied in order to compare the costs of living of Portuguese regions. We considered the regions NUTSII (North, Centre, Lisbon and Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores and Região Autónoma da Madeira) in the years 1994 to 1997.

Independently of the method used, Lisbon and Vale do Tejo is the 'most expensive' region throughout the period considered, followed by Madeira. However, the differences observed between the Portuguese regions are not very significant.

### KEY-WORDS:

- *Regional comparisons, Cost of living indexes, purchasing power parities.*

---

## **1. INTRODUÇÃO**

---

O objectivo deste estudo é investigar a existência de diferenças significativas no custo de vida dentro de Portugal. A comparação entre custos de vida de diferentes áreas geográficas pode ser feita utilizando os chamados índices de custo de vida.

Existem diversas metodologias de cálculo de índices de custo de vida entre países (ver Parente e Bago d'Uva, 2001, para um resumo dos métodos mais usuais e respectivas propriedades). As características inerentes aos índices dados pelas diversas metodologias podem levar a resultados diferentes. Por exemplo, a sensibilidade do índice Geary-Khamis ao efeito Gerschenkron faz com que este produza índices diferentes dos dados pela metodologia Elteto-Koves-Schultz que não é afectada por aquele problema.

Neste estudo, fazemos um exercício de aplicação de algumas dessas metodologias ao cálculo de índices de custo de vida entre as regiões portuguesas. Consideramos as regiões NUTSII (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira) nos anos 1994 a 1997. A aplicação de várias metodologias permitirá a análise da sensibilidade dos índices ao método adoptado.

Na secção 2 é feita a descrição dos dados utilizados no estudo, cujos resultados são apresentados e analisados na secção 3. Por último, na secção 4, fazemos uma síntese das principais conclusões.

---

## **2. DADOS**

---

Os preços utilizados para o cálculo dos índices de custo de vida dos anos 1994 a 1997 resultam dos preços recolhidos ao longo deste período com o objectivo de calcular os respectivos Índices de Preços do Consumidor (Base: 1991=100)<sup>1</sup>. O Índice de Preços do Consumidor mensal (Base: 1991=100) de cada região utilizou as médias aritméticas dos preços recolhidos mensalmente em diversos estabelecimentos na respectiva região. Neste estudo os preços de cada artigo, para cada ano, são obtidos a partir das médias aritméticas daquelas médias mensais. O painel de preços é constituído por cerca de 580 artigos, oscilando este número ligeiramente ao longo do período considerado e de região para região, de acordo com as características inerentes a cada mercado.

Os dados referentes às despesas em cada uma das regiões são as estimativas obtidas através do Inquérito aos Orçamentos Familiares 1994/1995<sup>2</sup>. A utilização da mesma estrutura de despesas para os quatro anos estudados, devida à não existência de informação para além da referida, tem implícita a hipótese de que esta não se alterou significativamente ao longo do período em causa.

Existe informação sobre despesas de 1280 categorias de bens ou serviços, número que excede o número de preços disponíveis. Os métodos de cálculo de índices de custo de vida pressupõem que existe informação sobre os preços de um cabaz de bens e serviços e sobre despesas de grupos desses bens e serviços, ou seja, que a informação disponível sobre as despesas é mais agregada do que a dos preços (Parente e Bago d' Uva, 2001). A diferença entre o nível de detalhe da informação existente obrigou a um estudo exaustivo com vista à organização de uma base de dados que permitisse a aplicação dos métodos de cálculo habituais. Esta adaptação passou pela agregação da informação sobre as despesas, obtendo-se um número de categorias inferior ao número de preços disponíveis.

---

<sup>1</sup> Ver Índice de Preços do Consumidor (Base: 1991=100) - Metodologia - Instituto Nacional de Estatística.

<sup>2</sup> Ver Inquérito aos Orçamentos Familiares 1994/1995 - Metodologia - Instituto Nacional de Estatística.

Os métodos que utilizaremos para o cálculo dos índices de preços em cada categoria, *CPD* e *EKS*, não exigem o conhecimento de todos os preços em todas as regiões (Parente e Bago d' Uva, 2001). Requerem apenas que, para cada par de regiões, exista pelo menos um produto em comum. A constituição das categorias foi condicionada por este requisito pois existem algumas diferenças entre o conjunto de produtos cujo preço é recolhido nas várias regiões, sobretudo entre as regiões do Continente e as regiões autónomas. Nos casos em que as regiões autónomas não recolhem nenhum preço de uma categoria, há que agregá-la a outra em que isso não aconteça para que seja possível calcular o índice de preços.

O objectivo essencial deste estudo é o cálculo de índices de custo de vida entre as sete regiões, porém, foi também feita uma análise separada para as regiões do Continente e para as regiões autónomas. Houve, então, dois processos de constituição de categorias de produtos, um destinado à análise conjunta de todas as regiões do país e apenas das ilhas e outro destinado à análise das regiões do continente que resultaram, respectivamente, em 188 e 218 categorias.<sup>3</sup>

Quando um bem ou serviço existe apenas numa região, o seu preço não é considerado no âmbito da comparação de preços entre regiões porque não faz sentido a inclusão de um bem ou serviço que não exista em pelo menos duas regiões.

O quadro seguinte dá um exemplo de constituição de uma categoria, a do arroz. Os preços de arroz disponíveis são utilizados para o cálculo do índice de preços da categoria. Este índice vai ser ponderado, no cálculo do índice agregado, pela despesa total em arroz.

Despesas	Preços
ARROZ GRÃO EXTRA LONGO	ARROZ EXTRA LONGO BRANQUEADO
ARROZ GRÃO LONGO	ARROZ ESPECIAL MÉDIO BRANQUEADO
ARROZ GRÃO MÉDIO	
OUTROS TIPOS DE ARROZ	

Alguns aspectos relacionados com os dados introduzem certas limitações no estudo que estamos a desenvolver.

O mais importante prende-se com o facto de as bases de dados utilizadas serem destinadas à comparação de preços ao longo do tempo para cada região e não entre regiões num dado momento do tempo. A preocupação que existe na recolha de dados para o cálculo do Índice de Preços do Consumidor é a de que os produtos observados se mantenham de um ano para o outro, em cada região. Devem considerar-se os produtos mais representativos de cada região, o que pode levar à impossibilidade de estabelecer uma equivalência entre todos eles. Ora é precisamente esta equivalência que seria desejável no nosso caso para evitar enviesamentos nos índices de preços dos *basic headings*. Tentámos colmatar esta limitação pela análise detalhada, para todas as regiões, de todos os produtos cujos preços são recolhidos e o estabelecimento de correspondências o mais razoáveis possível.

Outra condicionante da qualidade dos resultados que obteremos é a falta de informação sobre algumas categorias de despesas. Esta lacuna levou a não considerar essas categorias pois, apesar de existir informação suficiente para determinar o seu índice de preços, não existe a despesa para ponderá-lo.

O Índice de Preços do Consumidor considera os produtos mais representativos do consumo das famílias, em cada região, pelo que a informação sobre a despesa de produtos

<sup>3</sup> Foi utilizada informação de preços de 577 produtos e 1187 categorias de despesa, as razões pelas quais não foi considerada toda a informação disponível são apresentadas mais à frente.

cujo preço não é recolhido não deveria ser considerada. De facto, alguma informação sobre despesas não foi utilizada por este motivo. No entanto, considerámos que não devíamos desprezar a informação sobre despesas de alguns produtos, a nosso ver, importantes, apesar de o seu preço não ser recolhido. Estas despesas, não podendo ponderar os índices de preços dos respectivos produtos, vão ponderar os índices de preços de produtos relacionados. Caso estes pertençam a várias categorias, a despesa é distribuída por todas elas nas mesmas proporções que as suas despesas originais. Este procedimento pareceu-nos mais adequado, nos casos em que foi utilizado, do que o abandono das respectivas despesas o que seria equivalente a distribuí-las proporcionalmente por todas as categorias e não só pelas que estão relacionadas com os produtos em causa<sup>4</sup>.

Por último, é necessário salientar que a categoria relativa às rendas de habitação não foi incluída no cálculo dos índices de custo de vida, apesar de ter um peso considerável nas despesas de consumo. A não inclusão desta categoria deveu-se à indisponibilidade da informação necessária ao cálculo dos respectivos índices de preços.<sup>5</sup>

---

### **3. ÍNDICES DE CUSTO DE VIDA EM PORTUGAL ENTRE 1994 E 1997**

---

Nesta secção, são apresentados índices de custo de vida para as sete regiões NUTSII (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira), para os anos de 1994 a 1997. Estes índices foram calculados de acordo as metodologias habitualmente utilizadas com o objectivo de comparar custos de vida entre países. Os métodos mais comuns são o Geary-Khamis (*GK*) e Elteto-Koves-Schultz (*EKS*), dos quais derivam algumas generalizações, respectivamente, o *Generalised GK (GGK)* e o Kokoski-Cardiff-Moulton (*KCM*) (ver Parente e Bago d'Uva, 2001). Apresentamos os resultados obtidos através dos métodos *EKS*, *KCM* e o *GK* generalizado com parâmetro igual a 0 (*GK*), 0,5 e 1 (*Iklé*).

As diferenças existentes entre as regiões autónomas e Portugal Continental levaram-nos a pensar que a análise destes dois grupos em separado poderia resultar em relações mais correctas entre as regiões do que as obtidas considerando todo o país. A motivação para considerar apenas as regiões de Portugal Continental foi também a de testar a sensibilidade dos índices calculados à constituição das categorias de bens e serviços que, como referido na secção anterior, é diferente consoante se incluam as regiões autónomas ou não. Esta experiência foi feita, tendo-se comparado os índices de custo de vida entre regiões de Portugal Continental (e entre Açores e Madeira) com as relações dadas pelos índices entre todas as regiões. As relações estimadas entre regiões de Portugal Continental não sofrem alterações quando deixamos de considerar as regiões autónomas. Pelo contrário, a relação bilateral entre Açores e Madeira difere significativamente da que resulta da análise multilateral de todas as regiões. Contudo, optámos por não apresentar aqui os resultados da análise separada das regiões de Portugal Continental e das regiões autónomas uma vez que o objectivo primordial deste estudo é comparar o custo de vida em todas as regiões portuguesas.

No que diz respeito à agregação das categorias de bens e serviços, foram considerados três níveis. Calculámos os índices de custo de vida com todas as categorias e, a um nível mais desagregado, considerámos 10 grandes grupos cujos índices de preços resultam de agregar as

---

<sup>4</sup> Note-se que este procedimento é utilizado correntemente no cálculo do Índice de Preços do Consumidor.

<sup>5</sup> Para os anos até 1996, a informação sobre as rendas de habitação existe apenas ao nível do país. A informação com o nível de detalhe necessário para o nosso estudo, ou seja, para cada região, só existe para o ano de 1997 e seguintes não tendo, ainda assim, sido considerada para o último ano do período que estudámos por pretendermos a comparabilidade dos índices ao longo desse período.

categorias que as compõem ponderadas pelas respectivas despesas.<sup>6</sup> O grupo da alimentação é ainda dividido em 7 subgrupos.

### 3.1 ÍNDICES DE CUSTO DE VIDA

O Quadro 1 e as Figuras 1 e 2 apresentam os índices de custo de vida para as regiões de Portugal obtidos através de alguns métodos, tendo como base a região Norte.

**Quadro 1: Resultados dos vários índices para o período 1994 a 1997**

Anos	Regiões	GK	GGK(0,5)	Iklé	EKS	KCM
1994	Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Centro	98,9	99,0	99,1	99,5	99,4
	Lisboa e Vale do Tejo	105,3	105,4	105,5	105,4	105,3
	Alentejo	100,5	100,7	100,9	100,8	100,6
	Algarve	100,7	101,0	101,4	101,5	101,4
	R.A. Açores	97,8	98,6	99,9	101,4	101,4
	R.A. Madeira	102,4	102,8	103,6	104,5	104,5
1995	Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Centro	98,8	98,8	98,9	99,3	99,3
	Lisboa e Vale do Tejo	105,3	105,5	105,7	105,5	105,4
	Alentejo	100,8	100,9	101,1	101,2	101,1
	Algarve	100,7	101,0	101,5	101,6	101,5
	R.A. Açores	99,4	100,1	101,3	102,7	102,7
	R.A. Madeira	103,0	103,3	104,0	104,9	105,0
1996	Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Centro	98,4	98,5	98,5	99,0	98,9
	Lisboa e Vale do Tejo	104,6	104,7	104,9	104,7	104,6
	Alentejo	100,7	100,7	100,9	100,9	100,9
	Algarve	100,3	100,6	101,1	101,2	101,1
	R.A. Açores	98,8	99,6	100,9	102,1	102,2
	R.A. Madeira	102,5	102,9	103,6	104,3	104,4
1997	Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Centro	98,0	98,1	98,1	98,7	98,6
	Lisboa e Vale do Tejo	104,2	104,4	104,6	104,4	104,2
	Alentejo	100,8	100,9	101,0	101,0	101,0
	Algarve	100,1	100,5	101,0	101,1	100,9
	R.A. Açores	97,5	98,4	99,8	101,2	101,4
	R.A. Madeira	101,8	102,2	103,0	103,7	103,8

Numa primeira análise, julgamos importante referir dois aspectos. O primeiro está relacionado com as diferenças entre os vários índices calculados que estão de acordo com o

<sup>6</sup> Considerámos, também, um nível de desagregação com 31 classes cujos resultados não são apresentados por esse detalhe não ser do âmbito deste artigo mas que serão disponibilizados aos eventuais interessados.

que seria de esperar, dada a sua diferente natureza (Parente e Bago d'Uva, 2001). O segundo é o facto de todos os métodos apontarem para níveis de custo de vida que não podem ser considerados muito díspares, a amplitude máxima para todos os métodos é cerca de 8% em 1994 e 6% nos restantes anos, relativamente ao custo de vida do Norte.

As regiões que suportam o custo de vida mais elevado ao longo de todo o período considerado são Lisboa e Vale do Tejo e a Madeira. Quanto às restantes regiões, apesar de verem a sua posição relativa variar com o método utilizado e de ano para ano, têm um custo de vida que não difere muito entre si. A região Centro situa-se ligeiramente abaixo do Norte que, por sua vez, se situa ligeiramente abaixo do Alentejo e do Algarve. Os Açores são a região cuja posição relativa estimada mais varia ao longo do tempo e com o método utilizado.

Exceptuando a R.A. dos Açores, as relações entre o custo de vida das várias regiões e o Norte não sofreram alterações significativas entre 1994 e 1997. Houve um ligeiro decréscimo nos índices do Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Madeira o que corresponde a um afastamento do custo de vida do Centro do custo de vida no Norte e a uma aproximação do custo de vida das restantes ao custo nesta. A variação dos índices do Alentejo e do Algarve foi ainda menos significativa. O índice de custo de vida da R.A. dos Açores aumentou em 1995, tendo diminuído nos anos seguintes.

A representação gráfica dos resultados permite uma melhor compreensão da evolução ao longo do tempo, bem como a comparação entre métodos. A Figura 1 e a Figura 2 representam os resultados de dois métodos em simultâneo, o *EKS* e o *KCM* e o *GK* e o *Iklé*.

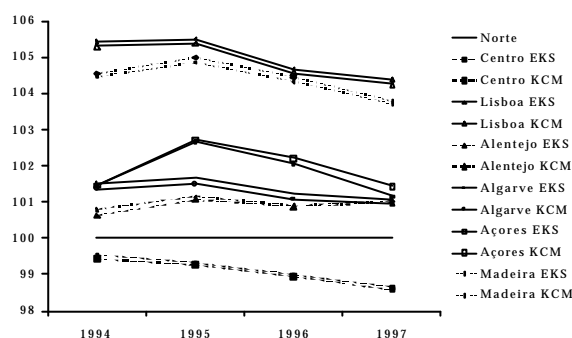


Figura 1: *EKS* e *KCM*

O método *EKS* e o método *KCM* dão origem a resultados quase coincidentes. O facto de no segundo ser dada uma maior importância às trocas indirectas com as regiões mais ricas não tem, no nosso caso, impacto nos resultados.

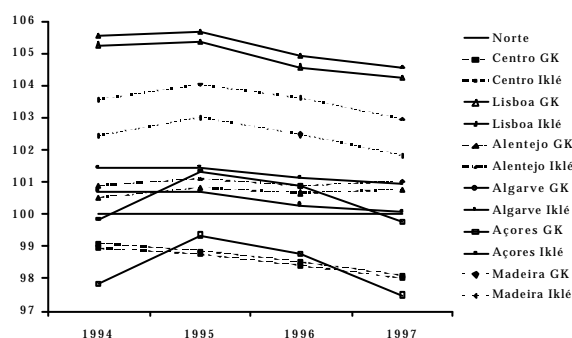


Figura 2: *GK* e *Iklé*

Os resultados dados pelo método *GGK* apresentam diferenças em relação aos baseados no *EKS* e são sensíveis ao parâmetro  $\alpha$ . A análise da Figura 1 e da Figura 2 permite constatar

que as evoluções dos índices fornecidos pelos vários métodos, para cada região, são paralelas. Para cada região, é o nível dos índices, e não a sua evolução ao longo do tempo, que varia com o método. A diferença entre os níveis dados pelos métodos não é muito significativa, à excepção das Regiões Autónomas e do Algarve. Analisemos os resultados destas regiões graficamente.

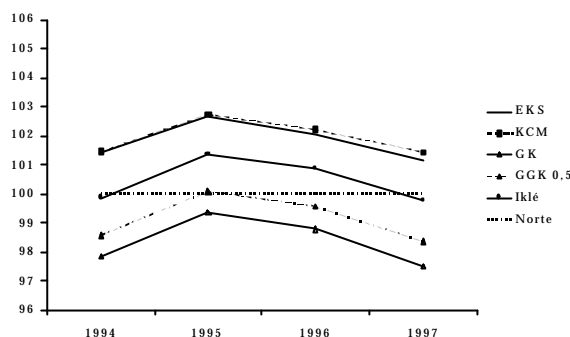


Figura 3: Índices de custo de vida nos Açores

Claramente, os índices *EKS* e *KCM* são semelhantes, situando os Açores sempre acima do Norte. A posição relativa dos Açores muda, se considerarmos um dos índices da classe *GGK*, notando-se, nitidamente, uma subida do índice em cada um dos anos à medida que o parâmetro  $a$  se aproxima de 1. Este comportamento pode estar relacionado com o efeito Gerschenkron que afecta os índices *GGK* e que se atenua com a aproximação de  $a$  à unidade (ver Parente e Bago d'Uva, 2001). Os índices *EKS* e *KCM*, por não se basearem em estruturas de preços “internacionais”, não sofrem este efeito e estimam um nível de preços para os Açores superior ao do Norte.

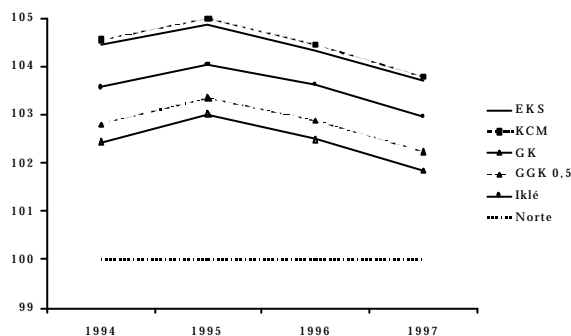


Figura 4: Índices de custo de vida na Madeira

O comportamento dos vários métodos no que diz respeito ao índice de custo de vida da Madeira em relação ao Norte é semelhante ao que foi analisado acima sendo, no entanto, os níveis obtidos menos sensíveis ao método utilizado. Os índices *GGK* aproximam-se mais entre si e dos índices *EKS* e a posição desta R.A. em relação às outras regiões é a mesma, segundo todas as metodologias utilizadas.

Para as regiões de Portugal Continental, os índices estimados são pouco sensíveis ao método aplicado. A região do Algarve é a mais afectada mas, como a Figura 5 permite ver, os resultados são menos díspares do que no caso das regiões autónomas.

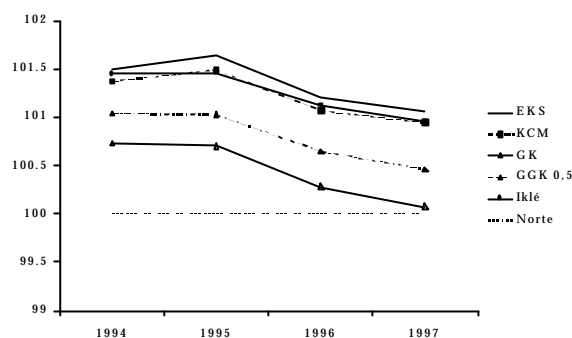


Figura 5: Índices de custo de vida no Algarve

### 3.2 ÍNDICES DE PREÇOS EM ALGUNS GRUPOS DE BENS E SERVIÇOS

A desagregação dos índices de custo de vida permite-nos identificar quais os grupos de bens e serviços que mais contribuem para as relações observadas entre os custos de vida das regiões. A análise dos próximos parágrafos baseia-se nos resultados desagregados por 10 grupos, bem como no peso de cada um destes na despesa total em cada uma das regiões que são apresentados nas secções seguintes. Para cada grupo, é apresentada, para cada região e para Portugal, a proporção da despesa na despesa total. Por ser nossa intenção analisar de que modo cada grupo contribui para o custo de vida, as proporções foram calculadas em relação à despesa utilizada na estrutura de ponderação do índice e não em relação à despesa total das famílias que inclui categorias de despesa não consideradas no cálculo do índice como a das rendas de habitação.

O facto de Lisboa e Vale do Tejo ter sido a região com o custo de vida mais elevado deve-se, em grande parte, ao custo da alimentação e bebidas não alcoólicas, o grupo mais importante dos dez considerados.<sup>7</sup> No segundo grupo mais importante, o dos transportes e comunicações, o índice de preços da região de Lisboa e Vale do Tejo não é o mais elevado sendo, contudo, superior a 100.

Os grupos dos serviços relacionados com a habitação e da saúde tiveram também uma contribuição relevante para o elevado custo de vida naquela região. Apesar de o custo da educação na região de Lisboa e Vale do Tejo ter sido bastante mais elevado do que nas restantes regiões, a contribuição deste grupo para o índice global não foi muito significativa.

A posição relativa da região da Madeira deve-se sobretudo ao elevado custo do mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente e dos hotéis, cafés e restaurantes. Quanto aos grupos mais importantes, os seus custos na Madeira não diferem significativamente dos da região Norte.

A evolução do índice de custo de vida da R.A. dos Açores no período 1994-1997 foi semelhante à que ocorreu no grupo da alimentação e bebidas não alcoólicas.

Da aplicação dos métodos *EKS* e a sua generalização *KCM* resultam índices muito semelhantes, como foi visto na secção anterior, pelo que dispensámos a apresentação do segundo na análise mais detalhada. Dentro da classe *GGK*, optámos por apresentar apenas os

<sup>7</sup> O grupo da alimentação e bebidas não alcoólicas é o mais importante no sentido em que é aquele cuja despesa tem o maior peso na estrutura de despesa total de Portugal. Se analisarmos a estrutura de despesas de cada região, verificamos que este grupo é o mais importante em todas, à excepção do Centro, onde o grupo com maior peso é o dos transportes e comunicações

resultados dados pelo método *Iklé* por ser o menos afectado pelo efeito Gerschenkron (ver Parente e Bago d' Uva, 2001).

### 3.2.1 ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS NÃO ALCOÓLICAS

Esta categoria de bens é muito relevante na determinação do custo de vida em Portugal uma vez que representa cerca de 25% das despesas dos consumidores. Das 10 grandes categorias consideradas, é a esta que corresponde a maior parte da despesa em todas as regiões, à excepção do Centro em que é superada apenas pela dos transportes e comunicações.

Quadro 2

Despesas em Alimentação e Bebidas não alcoólicas (% da despesa total)	
Norte	24,4%
Centro	23,2%
Lisboa e Vale do Tejo	25,1%
Alentejo	26,7%
Algarve	24,6%
Açores	30,3%
Madeira	26,8%
Portugal	24,7%

A região de Portugal em que as despesas em bens alimentares pesam mais no consumo total das famílias é a R.A. dos Açores, seguindo-se-lhe a Madeira e o Alentejo.

Quadro 3: Alimentação e bebidas não alcoólicas

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	100,7	100,7	101,4	101,3	100,3	100,3	101,0	100,9
Lisboa e Vale do Tejo	106,6	106,6	106,7	105,9	106,9	107,1	107,3	106,4
Alentejo	104,1	104,6	104,3	104,1	103,7	104,2	103,9	103,8
Algarve	106,1	107,2	107,7	106,6	106,3	107,5	108,1	107,1
R.A. Açores	96,2	97,8	97,5	96,4	93,1	95,3	95,5	93,7
R.A. Madeira	99,2	100,1	101,8	100,5	98,5	99,2	100,9	99,6

Os resultados dados pelos dois métodos são muito semelhantes, ambos indicam que é em Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve que os preços dos bens alimentares são mais elevados, seguindo-se-lhe o Alentejo. Não existem diferenças muito significativas entre os índices de preços das regiões Norte, Centro e Madeira.

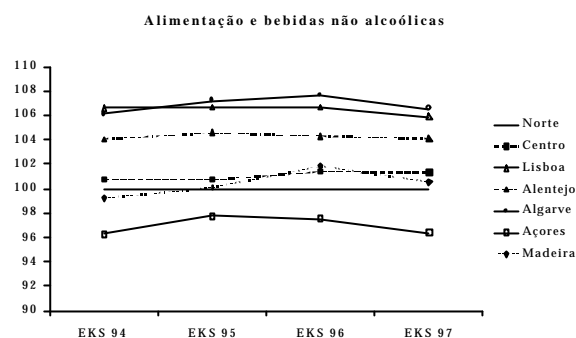


Figura 6

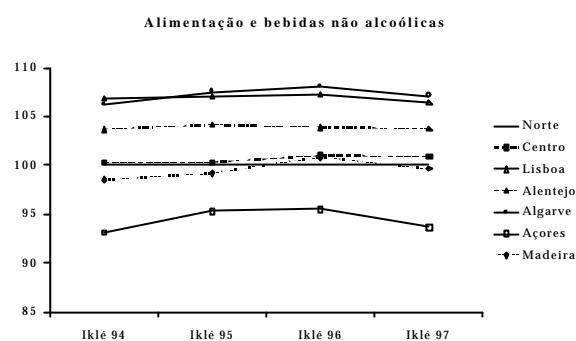


Figura 7

O grupo da Alimentação foi analisado com maior detalhe (nas secções seguintes apresentamos os índices dos seus subgrupos) o que permite ver de que forma cada subgrupo contribui para as posições relativas observadas.

Começamos pela região de Lisboa e Vale do Tejo onde o custo da alimentação é, em todos os anos, muito semelhante ao do Algarve e superior ao de todas as outras regiões, em particular, cerca de 7% superior ao do Norte. Isto deve-se a níveis de preços mais elevados nos subgrupos mais importantes da alimentação, sobretudo a carne e o peixe mas também os cereais e os legumes. No subgrupo que corresponde à maior parte da despesa em alimentação, o da carne, a região de Lisboa e Vale do Tejo tem o nível de preços mais elevado. O índice de preços da alimentação é mais baixo do que o daquele subgrupo, pois a disparidade observada nos subgrupos do peixe, cereais e legumes não é tão significativa e o nível de preços do Leite e derivados é semelhante em todas as regiões do Continente.

O elevado índice de preços da alimentação da região do Algarve é devido, sobretudo, aos índices da carne, do peixe e dos legumes. Os subgrupos dos legumes e dos cereais compensam-se na determinação da posição relativa entre o Algarve e Lisboa e Vale do Tejo.

Na região do Alentejo, o custo dos bens alimentares é cerca de 4% superior ao do Norte. A diferença entre a região base e o Alentejo resulta da que é observada nos subgrupos da carne e peixe. No entanto, estas diferenças, bem como a observada no grupo dos legumes, são menos significativas do que nas regiões que analisámos nos parágrafos anteriores. Por esta razão, e também porque os custos dos cereais no Alentejo e no Norte são semelhantes, o

índice de preços da alimentação no Alentejo é inferior aos de Lisboa e Vale do Tejo e Algarve.

O custo da alimentação no Centro não difere significativamente do que se verifica no Norte, em nenhum dos anos considerados, o que está de acordo com o que acontece nos subgrupos do peixe, carne e leite. Esta semelhança não é observada no grupo dos cereais nem no dos legumes, porém, estes índices compensam-se.

A região autónoma dos Açores tem o índice de custo dos bens alimentares mais baixo do nosso país. O detalhe da análise que efectuámos indica-nos que isto resulta do reduzido custo do peixe e do leite e seus derivados, não sendo, contudo, a diferença na alimentação tão grande como a que acontece nestes subgrupos pelo facto de o custo dos legumes ser mais elevado nesta do que em qualquer outra região.

### 3.2.1.1 CEREAIS E PRODUTOS À BASE DE CEREAIS

Quadro 4

Despesa em cereais		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	18,3%	4,2%
Centro	19,8%	4,3%
Lisboa e Vale do Tejo	14,8%	3,5%
Alentejo	20,1%	5,0%
Algarve	15,5%	3,6%
Açores	20,9%	5,8%
Madeira	22,4%	5,7%
Portugal	17,3%	4,0%

Os cereais e produtos à base de cereais têm um peso importante na alimentação no nosso país, sobretudo nas regiões autónomas.

Quadro 5: Cereais e produtos à base de cereais

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	105,6	106,5	106,8	105,0	106,8	107,7	107,9	105,8
Lisboa e Vale do Tejo	107,6	107,5	106,1	104,7	110,0	110,1	108,6	107,0
Alentejo	99,3	100,5	101,0	99,0	99,9	101,1	101,6	99,3
Algarve	102,5	103,5	102,8	99,5	104,0	105,0	104,2	100,6
R.A. Açores	99,7	101,7	99,7	97,1	101,3	103,5	101,2	97,5
R.A. Madeira	99,7	102,6	105,3	101,4	100,1	103,2	105,9	101,8

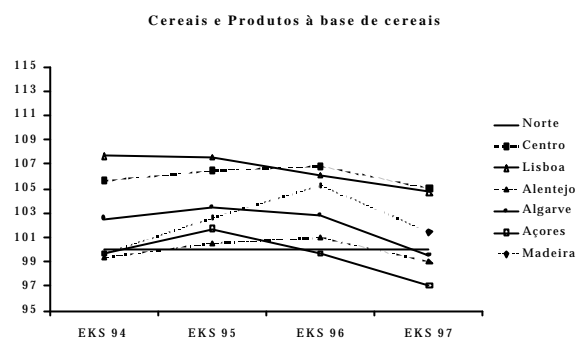


Figura 8

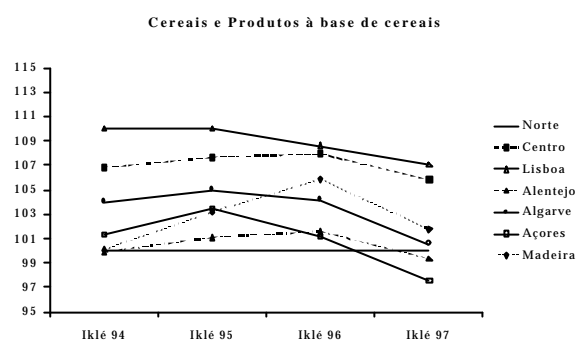


Figura 9

Os resultados dados pelos métodos *EKS* e *Iklé* têm algumas diferenças. O método *Iklé* estima diferenças mais significativas entre os custos das regiões.

### 3.2.1.2 CARNE

Quadro 6

Despesa em carne		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	29,2%	6,7%
Centro	26,6%	5,8%
Lisboa e Vale do Tejo	28,5%	6,7%
Alentejo	29%	6,0%
Algarve	25,8%	5,9%
Açores	22,7%	6,3%
Madeira	25,3%	6,5%
Portugal	28,0%	6,5%

Quadro 7: Carne

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	101,9	100,8	99,8	100,6	99,3	98,2	97,1	97,8
Lisboa e Vale do Tejo	114,7	114,4	114,0	114,1	113,0	112,9	112,7	112,8
Alentejo	111,9	111,7	110,4	110,7	108,9	108,5	106,9	107,4
Algarve	113,7	113,9	113,9	113,7	110,4	110,7	110,6	110,5
R.A. Açores	104,1	103,1	98,4	104,8	101,5	100,4	95,6	101,6
R.A. Madeira	106,8	107,1	104,9	104,0	103,3	104,0	100,9	99,8

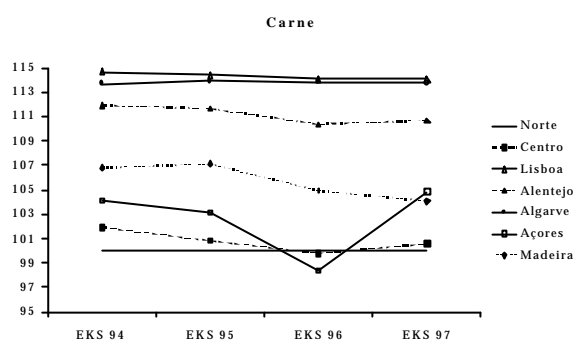


Figura 10

Verificamos que nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve os preços da carne são muito mais elevados que nos outros locais do país. O Norte é a região onde os preços da carne são mais baixos. O elevado custo da carne em Lisboa deverá ter como causa a elevada procura nesta região.

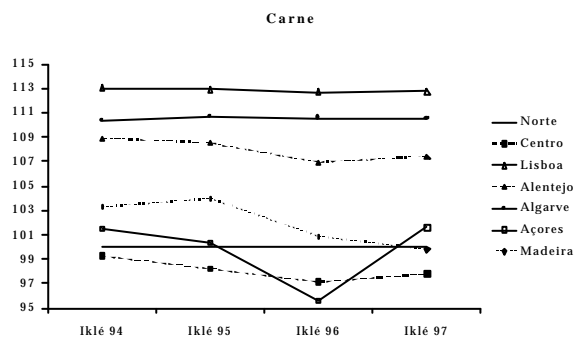


Figura 11

Notamos, ainda, que neste subgrupo os índices *EKS* e *Iklé* diferem cerca de três pontos percentuais.

### 3.2.1.3 PEIXE, CRUSTÁCEOS E MOLUSCOS

Quadro 8

Despesa em Peixe, crustáceos e moluscos		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	16,7%	3,8%
Centro	17,2%	3,8%
Lisboa e Vale do Tejo	18,8%	4,4%
Alentejo	15,1%	3,8%
Algarve	21,5%	4,9%
Açores	14,5%	4,0%
Madeira	8,6%	2,2%
Portugal	17,5%	4,1%

Quadro 9: Peixe

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	103,9	102,8	104,0	103,3	102,7	101,9	102,5	102,5
Lisboa e Vale do Tejo	109,5	107,7	107,3	106,0	110,5	109,3	108,4	107,2
Alentejo	107,7	106,4	105,1	102,8	109,1	108,1	106,6	104,4
Algarve	109,4	109,3	107,8	105,0	110,9	111,6	110,6	107,4
R.A. Açores	75,9	75,0	73,8	68,5	68,9	69,5	70,1	62,6
R.A. Madeira	93,8	90,0	88,5	92,1	93,3	87,0	84,0	90,3

Vemos no Quadro 9 que os preços são muito mais baixos na R.A. dos Açores. Na R.A. da Madeira, o custo do peixe também é menor que nas restantes regiões de Portugal Continental. Isto dever-se-á ao facto de a pesca ser uma actividade importante nestas regiões.

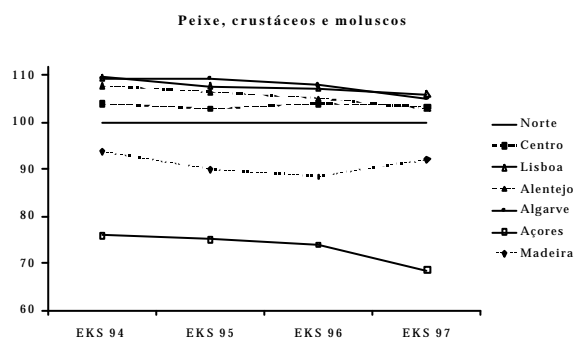
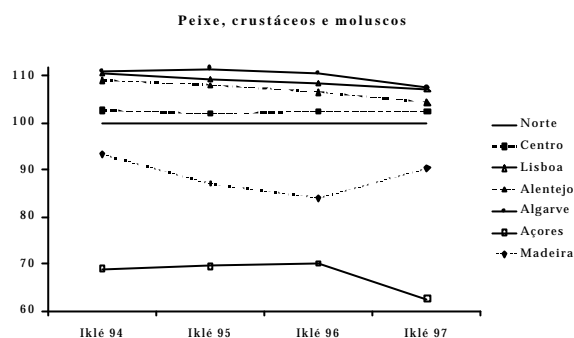


Figura 12



**Figura 13**

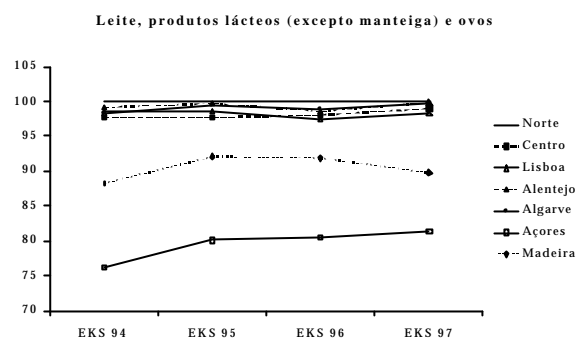
### 3.2.1.4 LEITE, PRODUTOS LÁCTEOS (EXCEPTO MANTEIGA) E OVOS

**Quadro 10**

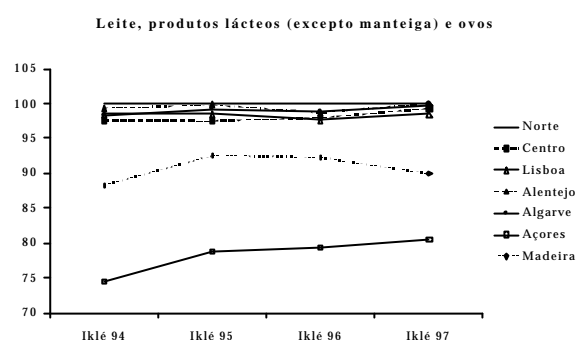
Despesa em Leite, produtos lácteos (excepto manteiga) e ovos		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	12,7%	2,9%
Centro	13,8%	3,0%
Lisboa e Vale do Tejo	13,7%	3,2%
Alentejo	14,6%	3,6%
Algarve	13,0%	3,0%
Açores	16,7%	4,6%
Madeira	13,9%	3,5%
Portugal	13,4%	3,1%

**Quadro 11: Leite, produtos lácteos (excepto manteiga) e ovos**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	97,7	97,7	98,1	99,0	97,6	97,5	98,0	99,3
Lisboa e Vale do Tejo	98,5	98,6	97,6	98,4	98,5	98,4	97,6	98,4
Alentejo	99,1	99,7	98,6	99,8	99,3	99,8	98,7	100,0
Algarve	98,4	99,4	98,9	99,7	98,4	99,3	98,8	99,8
R.A. Açores	76,2	80,1	80,5	81,4	74,5	78,8	79,4	80,5
R.A. Madeira	88,2	92,1	91,9	89,8	88,3	92,5	92,3	89,9



**Figura 14**



**Figura 15**

A R.A. dos Açores apresenta os preços mais baixos, o que é natural devido à sua grande produção de produtos lácteos. A região que apresenta um custo mais alto deste tipo de produtos é o Norte.

### **3.2.1.5 ÓLEOS E GORDURAS**

**Quadro 12**

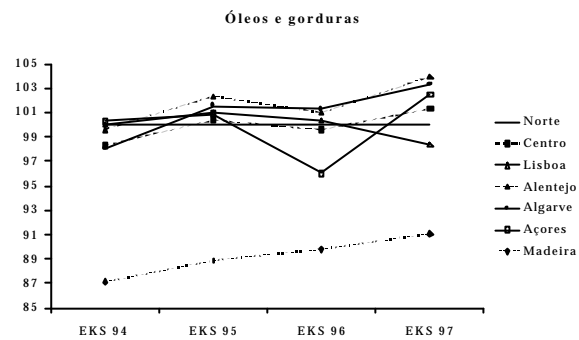
<b>Despesa em Óleos e gorduras</b>		
	<b>% da despesa em alimentação</b>	<b>% da despesa total</b>
Norte	6,2%	1,4%
Centro	7,0%	1,5%
Lisboa e Vale do Tejo	5,7%	1,4%
Alentejo	7,4%	1,9%
Algarve	6,8%	1,6%
Açores	5,8%	1,6%
Madeira	5,1%	1,3%
Portugal	6,2%	1,4%

A região que apresenta diferenças mais significativas é a R.A. da Madeira o que pode dever-se aos baixos custos da manteiga e do azeite. O custo nas restantes regiões foi semelhante nos anos de 1994 e 1995, tendo-se verificado uma diminuição do custo dos

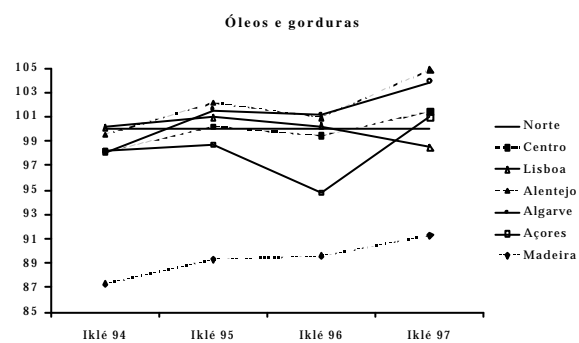
Açores relativamente ao Continente no ano seguinte. No ano de 1997, as diferenças entre as regiões foram mais significativas.

**Quadro 13: Óleos e gorduras**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	98,3	100,4	99,6	101,3	98,1	100,2	99,4	101,4
Lisboa e Vale do Tejo	100,0	101,0	100,4	98,4	100,1	101,0	100,3	98,5
Alentejo	99,6	102,3	101,0	104,0	99,5	102,2	101,0	104,9
Algarve	98,1	101,6	101,3	103,3	98,1	101,5	101,2	103,8
R.A. Açores	100,3	100,9	96,0	102,5	98,2	98,7	94,8	101,0
R.A. Madeira	87,1	88,9	89,8	91,1	87,3	89,3	89,6	91,3



**Figura 16**



**Figura 17**

### 3.2.1.6 LEGUMES, LEGUMINOSAS, FÉCULAS, AMIDOS E FRUTAS

Quadro 14

Despesa em Legumes, leguminosas, féculas, amidos e frutas		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	14,1%	3,3%
Centro	12,3%	2,7%
Lisboa e Vale do Tejo	15,7%	3,7%
Alentejo	15,7%	3,9%
Algarve	14,9%	3,4%
Açores	14,9%	4,1%
Madeira	22,0%	5,6%
Portugal	14,7%	3,4%

Este subgrupo representa uma parte importante da despesa em alimentação, que é particularmente significativa na R.A. da Madeira.

Quadro 15: Legumes, leguminosas, féculas, amidos e frutas

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	92,4	93,3	97,1	96,2	92,1	93,1	98,1	96,1
Lisboa e Vale do Tejo	102,6	105,3	109,5	106,8	102,3	105,2	110,6	107,1
Alentejo	101,6	103,5	106,2	105,8	101,2	103,0	106,8	105,7
Algarve	107,3	110,6	116,7	115,6	106,1	109,5	116,5	114,8
R.A. Açores	121,2	128,5	143,8	131,6	117,3	127,3	144,6	129,9
R.A. Madeira	114,3	114,0	126,5	122,8	114,5	112,7	127,0	122,2

Legumes, leguminosas, féculas, amidos e frutas

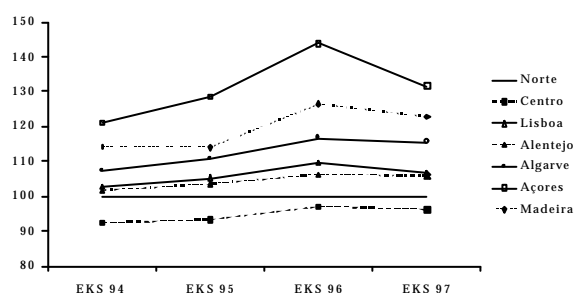


Figura 18

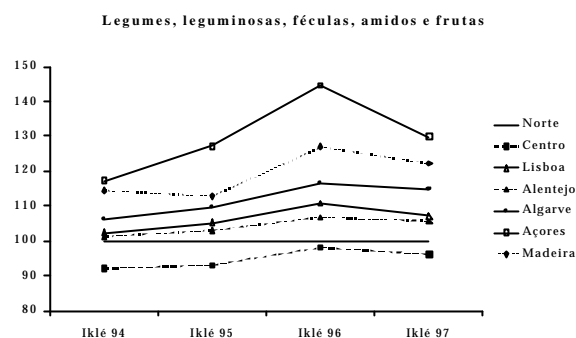


Figura 19

As regiões que apresentam custos mais elevados dos legumes, leguminosas, féculas, amidos e frutas são a R.A. Açores e a R.A. da Madeira. Este facto fica a dever-se aos elevados preços de alguns produtos, nomeadamente, o tomate, a tangerina e a uva de mesa.

### 3.2.1.7 AÇÚCAR, PRODUTOS AÇUCARADOS E GÉNEROS DE CONFETARIA

Quadro 16

Despesa em Açúcar, produtos açucarados e géneros de confeitaria		
	% da despesa em alimentação	% da despesa total
Norte	2,9%	0,7%
Centro	3,3%	0,7%
Lisboa e Vale do Tejo	2,8%	0,6%
Alentejo	3,1%	0,8%
Algarve	2,4%	0,6%
Açores	4,5%	1,3%
Madeira	2,8%	0,7%
Portugal	2,9%	0,7%

Este último subgrupo da alimentação é o menos importante em termos de despesa em todas as regiões contribuindo pouco para o custo da alimentação e, ainda menos, para o custo de vida global.

Quadro 17: Açúcar, produtos açucarados e géneros de confeitaria

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	98,5	97,7	97,5	97,9	98,6	97,8	97,6	98,1
Lisboa e Vale do Tejo	97,8	96,1	96,7	97,6	97,4	95,7	96,1	97,1
Alentejo	98,7	98,6	99,7	100,4	98,6	98,6	99,7	100,4
Algarve	97,8	97,9	98,9	98,0	97,7	97,8	99,0	97,9
R.A. Açores	91,5	93,5	96,6	99,3	92,0	93,9	97,2	99,7
R.A. Madeira	65,2	67,9	68,1	67,6	61,8	64,8	64,7	64,5

Açúcar, produtos açucarados e géneros de confeitaria

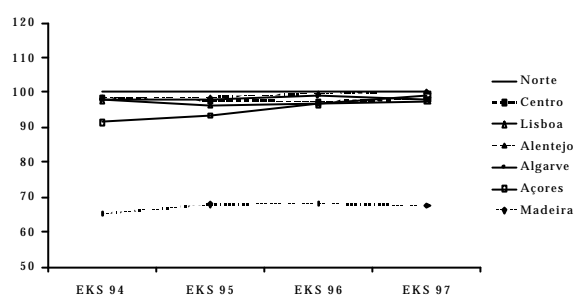


Figura 20

Açúcar, produtos açucarados e géneros de confeitaria

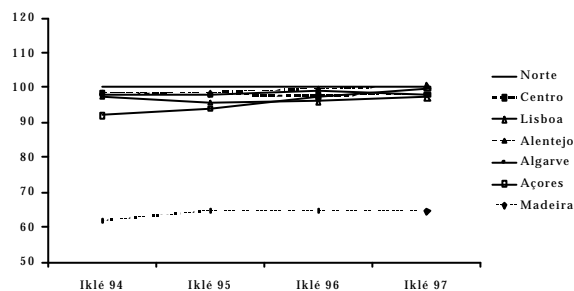


Figura 21

As diferenças entre os resultados dados pelos métodos *EKS* e *Iklé* são muito pequenas. Ambos indicam que o custo deste grupo quase não difere em Portugal Continental, tendo a região dos Açores vindo a aproximar-se até que, em 1997, o seu custo “igualou” o observado no Norte. As famílias residentes na R.A. da Madeira suportam um custo muito inferior ao suportado pelas famílias do resto do país.

Quadro 18

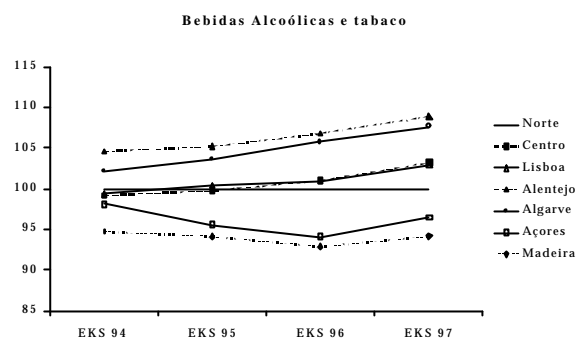
Despesas em Bebidas alcoólicas e tabaco (% da despesa total)	
Norte	3,5%
Centro	2,4%
Lisboa e Vale do Tejo	3,0%
Alentejo	3,7%
Algarve	3,2%
Açores	4,9%
Madeira	3,0%
Portugal	3,2%

A região dos Açores é a que destina a maior percentagem de despesa ao consumo de bebidas alcoólicas e tabaco.

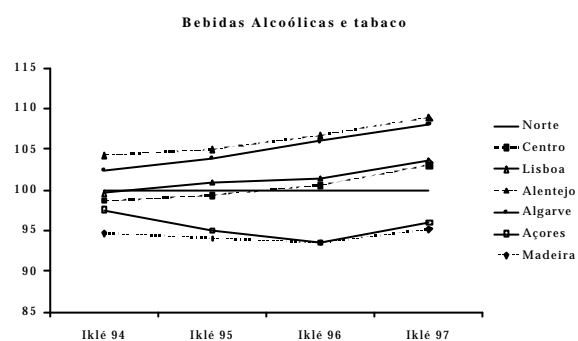
Quadro 19: Bebidas Alcoólicas e tabaco

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	99,2	99,8	101,0	103,2	98,6	99,3	100,6	103,0
Lisboa e Vale do Tejo	99,3	100,4	100,9	103,0	99,6	100,8	101,4	103,6
Alentejo	104,6	105,2	106,8	108,9	104,3	105,0	106,7	108,9
Algarve	102,1	103,6	105,7	107,6	102,3	103,9	105,9	108,0
R.A. Açores	98,1	95,6	94,1	96,4	97,5	95,0	93,5	95,9
R.A. Madeira	94,7	94,1	92,8	94,1	94,7	94,0	93,5	95,1

Os índices calculados mostram que nas Regiões Autónomas os preços destes bens são menores do que os das restantes regiões. Os produtos relacionados com o tabaco são os que contribuíram mais para a disparidade de preços entre a R.A. dos Açores e o Norte. O Alentejo e o Algarve são as regiões em que estes índices de preços apresentaram valores mais altos. A tendência de todos os índices das regiões de Portugal Continental foi crescente, indicando que o custo destes produtos aumentou mais nestas regiões do que no Norte. Os índices das ilhas evoluíram no sentido oposto de 1994 para 1996, tendência que se inverteu no ano seguinte.



**Figura 22**



**Figura 23**

### **3.2.3 VESTUÁRIO E CALÇADO**

**Quadro 20**

<b>Despesas em Vestuário e Calçado (% da despesa total)</b>	
Norte	8,4%
Centro	8,2%
Lisboa e Vale do Tejo	7,5%
Alentejo	9,5%
Algarve	8,3%
Açores	8,8%
Madeira	11,1%
Portugal	8,1%

O peso das despesas em Vestuário e Calçado nas despesas de cada região varia entre 7,5% (Lisboa e Vale do Tejo) e 11,1% (R.A. Madeira).

Quadro 21: Vestuário e calçado

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	92,5	92,1	89,8	88,8	91,8	91,4	89,5	88,6
Lisboa e Vale do Tejo	102,2	99,8	95,6	95,2	101,5	99,1	95,2	95,1
Alentejo	100,2	101,1	99,9	101,7	99,1	99,9	99,0	101,2
Algarve	99,3	98,5	97,1	98,5	98,4	97,7	96,7	98,3
R.A. Açores	104,3	106,0	104,6	102,6	103,0	104,7	103,5	102,0
R.A. Madeira	109,9	111,8	109,3	109,3	108,6	110,7	109,0	109,2

Verificamos que o custo do vestuário e calçado é mais elevado nos Açores e na Madeira do que nas outras regiões o que pode ser justificado pelos custos de transporte dos artigos provenientes de Portugal Continental. Na região Centro, os custos destes produtos são baixos relativamente ao Norte. Os índices de preços da maior parte das regiões não variam muito durante o período considerado neste estudo. Contudo, os preços diminuíram de forma significativa em relação ao Norte nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e do Centro.

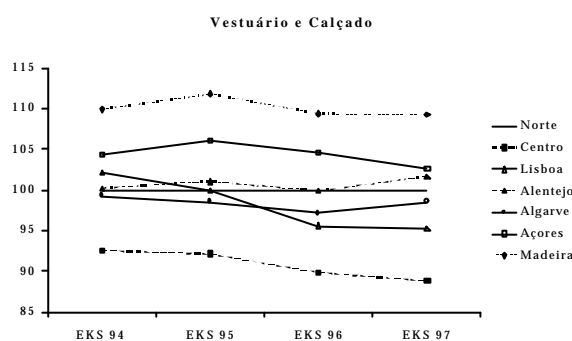


Figura 24

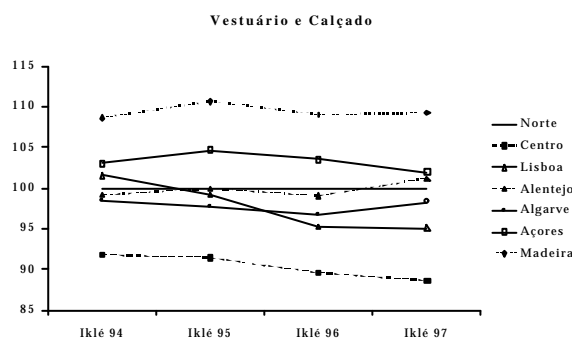


Figura 25

**3.2.4 SERVIÇOS RELACIONADOS COM HABITAÇÃO (EXCEPTO RENDAS), ÁGUA, ELECTRICIDADE, GÁS E OUTROS COMBUSTÍVEIS**

**Quadro 22**

Despesas em Serviços relacionados com habitação (excepto rendas), água e outros combustíveis (% da despesa total)	
Norte	4,9%
Centro	5,3%
Lisboa e Vale do Tejo	5,4%
Alentejo	6,7%
Algarve	5,2%
Açores	6,9%
Madeira	8,2%
Portugal	5,3%

O peso deste grupo nas despesas da Madeira é maior do que em qualquer outra região.

**Quadro 23: Serviços relacionados com Habitação (excepto rendas), água, electricidade, gás e outros combustíveis**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	100,0	98,8	99,7	101,2	100,2	99,3	100,2	101,4
Lisboa e Vale do Tejo	110,5	109,9	108,9	108,5	111,0	110,7	110,0	109,6
Alentejo	97,2	96,5	95,7	96,6	97,8	97,4	96,7	97,5
Algarve	92,6	92,7	92,5	92,4	92,4	93,1	93,0	92,6
R.A. Açores	92,4	97,8	101,5	99,5	92,3	97,7	101,7	99,4
R.A. Madeira	90,7	93,6	93,9	93,1	89,9	92,9	93,4	92,7

A região que se destaca por ter o índice de preços mais elevado é Lisboa e Vale do Tejo. A Madeira e o Algarve são as regiões onde o custo deste grupo é mais baixo. Os custos destes serviços nas regiões de Portugal Continental tiveram uma evolução semelhante. Podemos ver na Figura 26 e na Figura 27 que os índices de preços tiveram uma tendência crescente nas ilhas nos anos 1994 a 1996, mais acentuada na R.A. dos Açores, que se inverteu em 1997.

Serviços relacionados com Habitação (excepto rendas),  
água, electricidade, gás e outros combustíveis

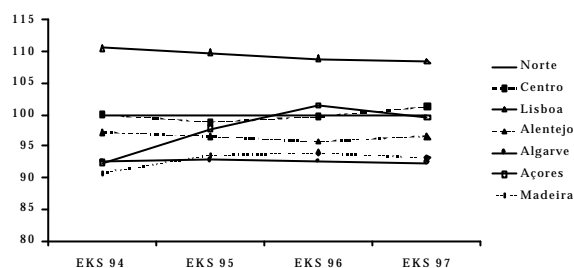


Figura 26

Serviços relacionados com Habitação (excepto rendas),  
água, electricidade, gás e outros combustíveis

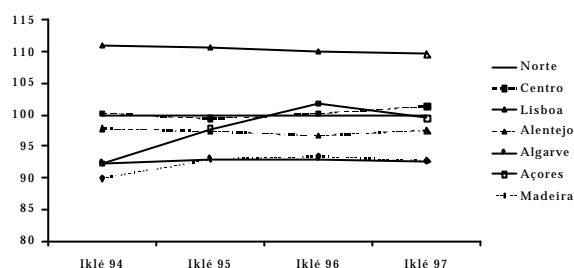


Figura 27

### 3.2.5 MOBILIÁRIO, ACESSÓRIOS PARA LAR, EQUIPAMENTO DOMÉSTICO E DE MANUTENÇÃO CORRENTE

Quadro 24

Despesas em Mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente (% da despesa total)	
Norte	9,9%
Centro	10,9%
Lisboa e Vale do Tejo	10,9%
Alentejo	8,6%
Algarve	10,5%
Açores	13,5%
Madeira	10,8%
Portugal	10,5%

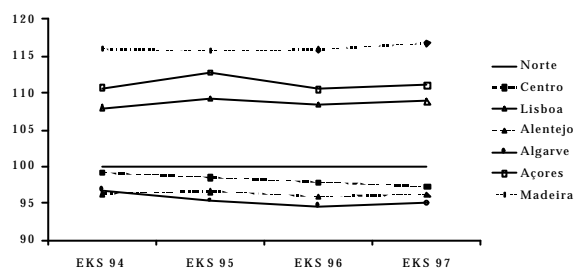
O Alentejo é a região em que a proporção das despesas em mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente na despesa total é menor, em oposição à R.A. dos Açores.

**Quadro 25: Mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	99,1	98,5	97,8	97,2	98,8	98,1	97,4	96,7
Lisboa e Vale do Tejo	108,0	109,2	108,4	108,8	107,8	109,0	108,4	108,9
Alentejo	96,3	96,6	95,9	96,2	96,7	96,7	96,0	96,4
Algarve	96,8	95,4	94,6	95,0	95,4	93,8	93,2	93,6
R.A. Açores	110,7	112,8	110,5	111,0	110,4	112,8	110,5	110,9
R.A. Madeira	116,0	115,7	115,9	116,7	115,4	115,6	114,1	113,4

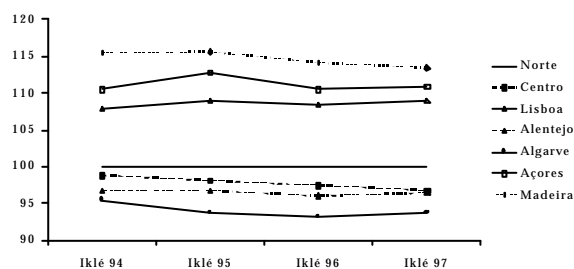
O custo destes bens e serviços é mais elevado nas regiões autónomas o que pode estar relacionado com os custos de transporte associados. Em relação a Portugal Continental, todas as regiões se situam abaixo do Norte, à excepção de Lisboa e Vale do Tejo onde o custo é muito superior. Neste grupo, os índices não sofreram variações significativas ao longo do tempo, tendo-se mantido a posição relativa das regiões, com excepção do Centro cujo índice diminuiu muito ligeiramente de 1994 para 1997.

Mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente



**Figura 28**

Mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente



**Figura 29**

Quadro 26

Despesas em saúde (% da despesa total)	
Norte	5,9%
Centro	6,5%
Lisboa e Vale do Tejo	5,9%
Alentejo	5,3%
Algarve	7,3%
Açores	5,6%
Madeira	4,5%
Portugal	6,0%

As despesas em Saúde representam uma fatia importante das despesas totais, sobretudo nas regiões Centro e Algarve. Esta proporção é menor nas restantes regiões de Portugal Continental, que não se diferenciam muito entre si, e ainda menor na R.A. da Madeira.

Quadro 27: Saúde

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	93,9	94,7	93,8	95,4	89,0	90,3	89,1	91,0
Lisboa e Vale do Tejo	106,5	106,2	105,5	106,9	106,3	105,9	104,8	106,3
Alentejo	94,3	93,8	93,7	93,8	93,7	93,3	92,8	93,1
Algarve	97,4	96,3	94,9	96,8	96,1	95,1	93,3	95,3
R.A. Açores	99,4	100,2	98,7	99,5	97,9	98,6	96,9	97,8
R.A. Madeira	106,0	104,6	102,2	101,6	105,0	103,4	100,8	100,5

O custo dos bens e serviços relacionados com a saúde na região de Lisboa e Vale do Tejo é sempre superior ao das outras regiões. Na R.A. da Madeira, este custo foi semelhante ao de Lisboa no ano de 1994, tendo-se aproximado do da região Norte ao longo do período considerado. Os índices mais baixos são os das regiões Centro e Alentejo.

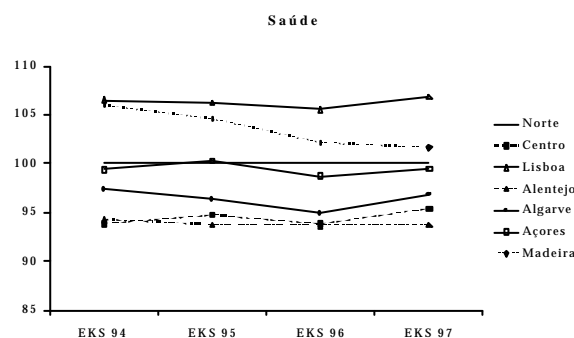


Figura 30

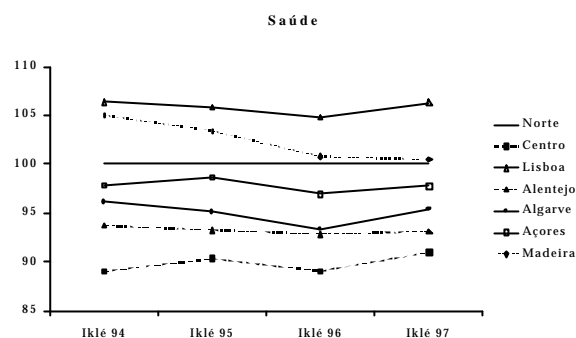


Figura 31

### 3.2.7 TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Quadro 28

Despesas em Transportes e Comunicações (% da despesa total)	
Norte	22,7%
Centro	25,8%
Lisboa e Vale do Tejo	20,9%
Alentejo	21,8%
Algarve	20,7%
Açores	15,7%
Madeira	20,0%
Portugal	22,3%

Este grupo é constituído pela aquisição de veículos, utilização e manutenção de veículos próprios, serviços de transportes e comunicações. A proporção das despesas na despesa total é muito significativa porque as despesas em aquisição, utilização e manutenção de veículos representam, para Portugal, cerca de 18% da despesa total, ou seja, cerca de 83% deste grupo.

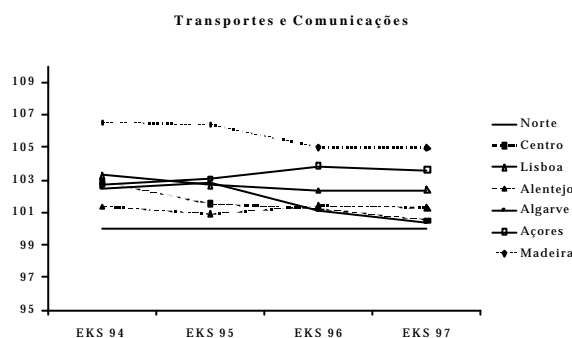
A região em que as despesas em Transportes e Comunicações têm menor importância é a R.A. dos Açores o que está relacionado com o facto de o peso das suas despesas com aquisição, utilização e manutenção de veículos na sua despesa total ser de apenas 12%. A proporção das despesas em serviços de transportes observada nos Açores não difere significativamente da média nacional, cerca de 1%, o mesmo acontecendo no subgrupo das comunicações que tem um peso de cerca de 3% em todas as regiões.

**Quadro 29: Transportes e comunicações**

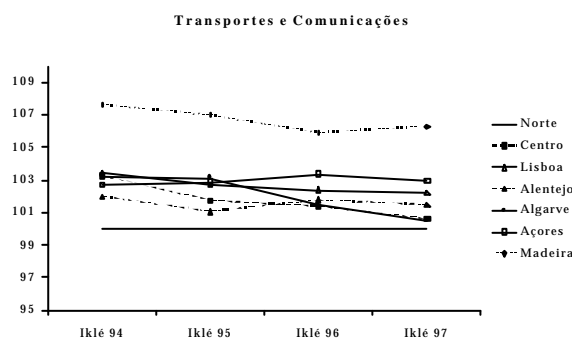
Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Centro	102,89	101,51	101,22	100,51	103,26	101,74	101,37	100,62
Lisboa e Vale do Tejo	103,27	102,66	102,35	102,38	103,46	102,67	102,36	102,22
Alentejo	101,36	100,89	101,40	101,27	101,99	101,06	101,77	101,47
Algarve	102,44	102,76	101,08	100,35	103,25	103,12	101,51	100,46
R.A. Açores	102,72	103,10	103,84	103,60	102,71	102,87	103,37	102,94
R.A. Madeira	106,55	106,38	104,99	104,97	107,63	106,98	105,91	106,29

A Madeira é a região com o índice de custo de Transportes e Comunicações mais elevado o que se deve, sobretudo, ao custo dos transportes urbanos e das comunicações telefónicas.

Os índices de custo dos transportes e comunicações do Centro e do Algarve tiveram uma tendência decrescente, aproximando-se do nível do Norte. As variações dos índices para as outras regiões, durante o período considerado, não são significativas.



**Figura 32**



**Figura 33**

### 3.2.8 LAZER, RECREAÇÃO E CULTURA

Quadro 30

Despesas em Lazer, Recreação e Cultura (% da despesa total)	
Norte	3,7%
Centro	3,9%
Lisboa e Vale do Tejo	3,3%
Alentejo	3,2%
Algarve	3,4%
Açores	3,3%
Madeira	3,9%
Portugal	3,5%

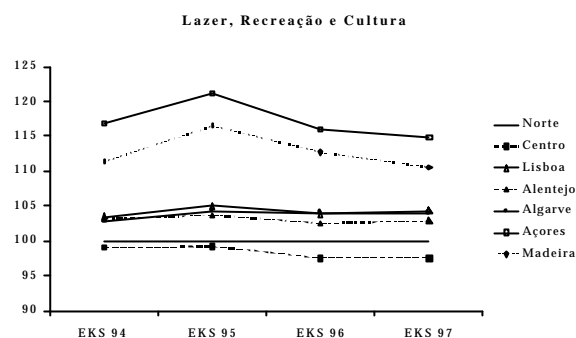
Podemos ver no Quadro 30 que os portugueses reservam uma pequena percentagem das suas despesas para o Lazer, Recreação e Cultura.

Quadro 31: Lazer, Recreação e Cultura

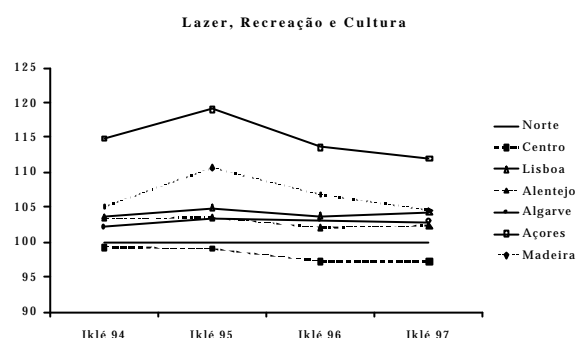
Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	99,0	99,2	97,5	97,5	99,3	99,0	97,2	97,2
Lisboa e Vale do Tejo	103,5	105,0	103,8	104,3	103,7	104,9	103,8	104,3
Alentejo	103,2	103,7	102,5	102,9	103,3	103,5	102,1	102,4
Algarve	102,8	104,3	104,0	104,0	102,1	103,4	103,0	102,9
R.A. Açores	116,9	121,2	116,0	114,9	114,8	119,0	113,6	111,9
R.A. Madeira	111,4	116,5	112,7	110,6	105,0	110,7	106,8	104,6

O custo em artigos relacionados com Lazer, Recreação e Cultura é claramente mais elevado nas ilhas. Neste grupo estão, provavelmente, incluídos produtos provenientes das regiões de Portugal Continental, pelo que os habitantes das ilhas têm que acarretar com o custo de transporte.

Os índices *EKS* e *Iklé* apresentam valores muito semelhantes para as regiões de Portugal Continental, contudo, para a R.A. dos Açores e R.A. da Madeira estes métodos produzem valores muito díspares. A diferença entre os índices *EKS* e *Iklé* na Madeira é cerca de 6 pontos percentuais e para nos Açores é de 2 pontos percentuais.



**Figura 34**



**Figura 35**

### **3.2.9 EDUCAÇÃO**

As despesas em Educação são caracterizadas por valores relativamente baixos. Este resultado dever-se-á, talvez, ao facto de estas despesas serem constituídas principalmente por propinas do ensino público que, geralmente, correspondem a valores baixos. Note-se que os livros e material escolar não estão incluídos neste grupo, fazem parte da categoria do Lazer, Recreação e Cultura.

É necessário ter em conta a possibilidade de as despesas em educação suportadas pelas famílias de uma determinada região dizerem respeito a serviços prestados noutras regiões. O procedimento correcto seria considerar, no cálculo dos índices, os preços observados nas regiões onde os serviços foram prestados, o que não pode ser feito uma vez que a informação acerca da despesa não discrimina a região em que esta teve lugar. Neste estudo, optámos por utilizar o procedimento que é correntemente aplicado no Índice de Preços do Consumidor, que consiste em ponderar o custo dos bens e serviços relacionados com educação de cada região com as despesas em educação dos consumidores da mesma região.

**Quadro 32**

<b>Despesas em Educação (% da despesa total)</b>	
Norte	1,6%
Centro	1,2%
Lisboa e Vale do Tejo	2,1%

Alentejo	0,9%
Algarve	1,1%
Açores	0,9%
Madeira	1,4%
Portugal	1,7%

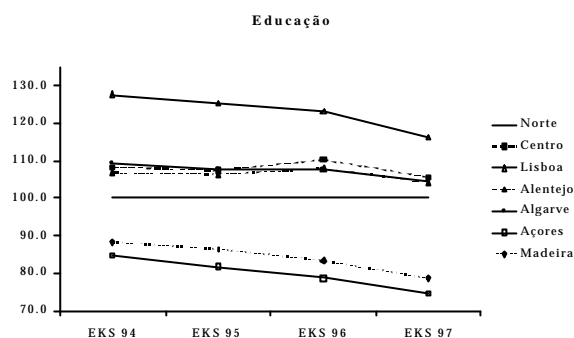
**Quadro 33: Educação**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	108,2	107,3	110,2	105,6	110,0	109,2	112,9	107,7
Lisboa e Vale do Tejo	127,5	125,3	123,1	116,1	130,8	128,7	127,0	119,3
Alentejo	106,8	106,3	107,9	104,2	109,4	108,7	109,8	105,3
Algarve	109,2	107,5	107,7	104,5	108,3	106,4	106,4	102,8
R.A. Açores	84,6	81,7	78,6	74,6	82,7	79,5	76,3	71,7
R.A. Madeira	88,2	86,4	83,4	78,6	88,3	86,5	83,3	77,8

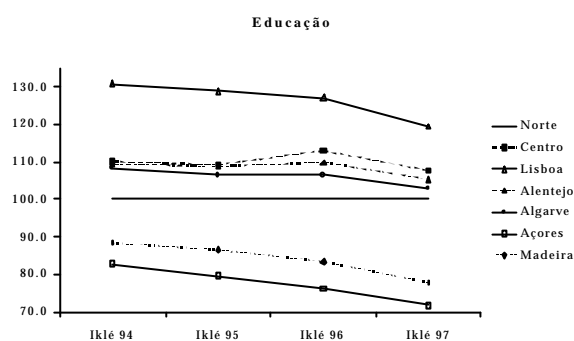
Verificamos que o custo da educação é muito mais elevado em Lisboa e Vale do Tejo do que no resto do país o que pode ser devido à elevada procura do ensino privado naquela região. Os Açores e a Madeira são as regiões com os menores índices. Uma vez que, no período considerado, não existiam escolas públicas nas ilhas para certos graus de ensino, os Governos Regionais financiaram uma parte do ensino particular levando a uma diminuição do custo em educação.

A relação estimada do custo da educação nos Açores com o custo no resto do país pode exemplificar as consequências das limitações dos dados utilizados na secção 2. A possibilidade de restarem algumas correspondências entre produtos ou serviços que não são equivalentes pode enviesar as relações entre os seus preços. Este grupo inclui a categoria serviços de educação no 3º ciclo do ensino básico particular. Para o cálculo dos índices de preços desta categoria os dados disponíveis são as propinas do ensino particular até ao 9º ano das regiões do Continente e da R.A. da Madeira e até ao 6º ano para a R.A. dos Açores. Uma vez que não existe uma equivalência entre o serviço cujo preço queremos comparar para todas as regiões, foi feito um ajustamento às propinas dos Açores com base em dados adicionais por forma a obter uma aproximação dessa equivalência. No entanto, é possível que essa aproximação não seja a desejada e que o índice de preços dos Açores para esta categoria e, consequentemente, para o grupo da educação esteja enviesado.

Todas as regiões mostraram de 1994 para 1997 uma tendência para uma diminuição dos custos da educação relativamente ao Norte o que corresponde dizer que esta se aproximou das restantes regiões de Portugal Continental e se afastou das ilhas.



**Figura 36**



**Figura 37**

### 3.2.10 HOTÉIS, CAFÉS E RESTAURANTES

**Quadro 34**

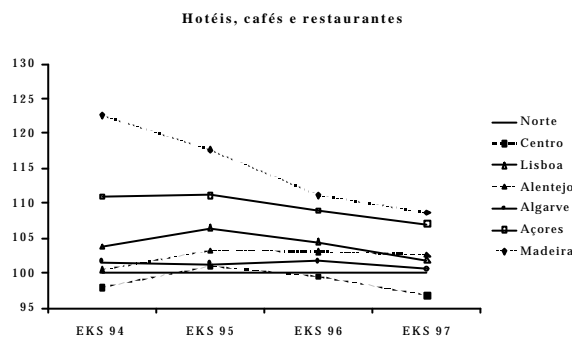
<b>Despesas em Hotéis, cafés e restaurantes (% da despesa total)</b>	
Norte	9,7%
Centro	6,6%
Lisboa e Vale do Tejo	10,4%
Alentejo	8,2%
Algarve	9,9%
Açores	5,9%
Madeira	5,8%
Portugal	9,3%

As regiões que reservam uma maior fatia das suas despesas para os bens e serviços deste grupo são Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Norte. Neste grupo, os custos associados a cada região podem não reflectir correctamente os que foram suportados pelas famílias residentes. Na verdade, a maior parte das pessoas que procuram um Hotel numa determinada região será proveniente de outra região. Para cada região, temos um custo que corresponde aos preços lá praticados que é ponderado pela despesa das famílias residentes feita, também, noutras regiões. Neste caso adoptamos o mesmo procedimento que foi utilizado em relação à educação.

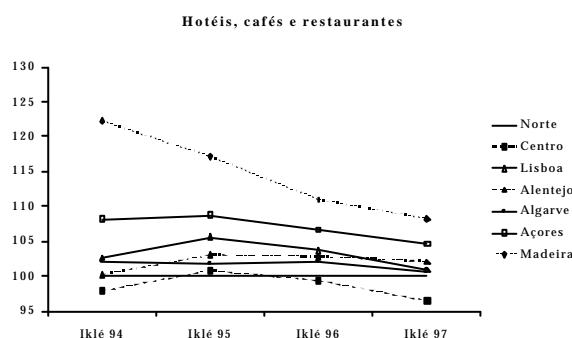
**Quadro 35: Hotéis, cafés e restaurantes**

Região	EKS				Iklé			
	1994	1995	1996	1997	1994	1995	1996	1997
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro	97,9	101,0	99,5	96,8	97,9	100,8	99,4	96,5
Lisboa e Vale do Tejo	103,8	106,5	104,5	101,9	102,6	105,6	103,7	100,8
Alentejo	100,4	103,2	103,0	102,6	100,2	103,1	102,8	102,1
Algarve	101,6	101,3	101,6	100,5	102,1	101,7	102,0	100,7
R.A. Açores	110,9	111,2	108,9	107,0	108,2	108,8	106,7	104,6
R.A. Madeira	122,6	117,6	111,1	108,6	122,3	117,1	111,0	108,2

Verificamos que neste grupo os preços são muito mais altos nas ilhas do que nas restantes regiões. Este facto deverá estar relacionado com a pouca oferta que existe nas nestas R.A. e com a grande procura provocada pelo turismo. Quanto à evolução no tempo, é de notar que neste grupo os índices de todas as regiões, com excepção do Centro, aproximaram-se do Norte.



**Figura 38**



**Figura 39**

#### **4. CONCLUSÕES**

Com este estudo, pretendemos investigar até que ponto o custo de vida varia em Portugal. Recorremos às metodologias usualmente utilizadas para fazer comparações de custos de vida de países diferentes por forma a comparar os custos de vida de regiões

portuguesas. As características inerentes aos índices dados pelas diversas metodologias podem levar a resultados diferentes. A aplicação de várias metodologias permitiu-nos comparar o seu comportamento no nosso caso e analisar a sensibilidade dos índices ao método adoptado.

Considerámos as regiões NUTSII (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira) no período 1994 a 1997 o que permitiu a análise da evolução das relações entre os custos de vida regionais. Os índices de custo de vida foram calculados a partir das bases de dados do Índice de Preços do Consumidor (Base 1991=100, para o período 1994-1997) e do Inquérito aos Orçamentos Familiares (1994/1995).

Os resultados obtidos através das várias metodologias utilizadas apresentam algumas diferenças, tal como era esperado. No entanto, elas estão de acordo quanto aos aspectos mais importantes. Por um lado, os níveis de custo de vida das regiões consideradas não podem ser considerados muito díspares, a amplitude máxima é 8% no ano de 1994 e 6% nos três anos seguintes. Por outro lado, todas indicam que a região que suporta o custo de vida mais elevado é a de Lisboa e Vale do Tejo, seguida da Madeira. Quanto às restantes regiões, apesar de verem a sua posição relativa variar com o método utilizado e de ano para ano, têm um custo de vida que não difere muito entre si. Exceptuando a R.A. dos Açores, as relações entre os custos de vida das regiões não sofreram alterações significativas entre 1994 e 1997. Na R.A. dos Açores, o custo de vida aumentou mais do que na região Norte no ano de 1995 e menos nos anos seguintes.

Interessou-nos, para além da comparação de custos de vida entre regiões, comparar os custos de alguns grupos mais específicos de bens e serviços. Esta análise mais detalhada permitiu, também, avaliar de que forma cada um destes grupos contribuiu para o custo de vida global. O grupo da alimentação e bebidas não alcoólicas foi o que teve a maior contribuição para a posição relativa de Lisboa e Vale do Tejo, sobretudo devido ao custo da carne, peixe, cereais e legumes. No caso da R.A. da Madeira, foram os grupos do mobiliário, acessórios para lar, equipamento doméstico e de manutenção corrente e dos hotéis, cafés e restaurantes que tiveram uma maior influência no custo de vida.

Na análise dos resultados obtidos, há que ter em conta certas limitações que dizem respeito aos dados utilizados. A única informação disponível sobre os preços nas várias regiões é a recolhida para o cálculo do Índice de Preços no Consumidor que pode não ser adequada ao objectivo deste estudo. Tentámos colmatar esta limitação pela investigação exaustiva das bases de dados e, tanto quanto possível, a sua adaptação.

Procuraram dar-se algumas justificações para os resultados, contudo, a descoberta das suas verdadeiras causas carece de uma investigação mais detalhada das especificidades regionais.

Neste estudo, comparamos apenas os custos de vida das regiões portuguesas. Um trabalho de investigação, também, interessante seria a comparação dos poderes de compra de várias regiões europeias, tendo como base preços regionais, e não preços das capitais nacionais, que corresponde ao procedimento adoptado correntemente pelo EUROSTAT.

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

PARENTE, P., BAGO D' UVA, T. (2001), "Índices de Custo de Vida: Metodologias de Cálculo", Revista de Estatística, 1º Quadrimestre, INE;

ÍNDICE DE PREÇOS DO CONSUMIDOR (Base 1991=100) – *Metodologia - Instituto Nacional de Estatística*;

INQUÉRITO AOS ORÇAMENTOS FAMILIARES 1994/1995 - *Metodologia - Instituto Nacional de Estatística*;